

A estética do candomblé

Fazendo axós, tecendo axé

Patrícia Ricardo de Souza

Doutora em Sociologia – USP
Faculdades Integradas Claretianas
patricky@usp.br

9. GP Religiões Afro-brasileiras e Kardecismo

A estética plástica do candomblé, suas roupas e adereços, laços e arranjos, tanto para os adeptos quanto para os deuses, no cotidiano e na festa compõe um complexo código cujas fontes são diversas, em que tudo tem razão de ser e que visa, em última instância, agradar aos orixás para que eles favoreçam a vida dos humanos. A estética do candomblé foi o tema da minha pesquisa de doutorado que resultou na tese intitulada *Axós e ilequês. Rito, mito e a estética do candomblé*, defendida junto ao departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo em abril de 2007. Uma parte desse trabalho se refere ao processo de criação e montagem dos trajes dos orixás que é o tema específico da presente comunicação.

No complexo código da estética do candomblé a importância do vestuário é tão grande que o cuidado dele é atribuição de mulheres que não entram em transe mas que são confirmadas num cargo de alto prestígio. São as *equedes*, que vestem os orixás e depois dançam com eles no barracão. Seu trabalho é recompensado com sua inclusão na alta hierarquia do terreiro. Criar os *axós* e os assessórios sagrados é outra atribuição de relevo. Muitos adeptos, além de artistas e comerciantes simpatizantes, fazem do trabalho artesanal de fabrico de ferramentas e da comercialização de todo tipo de objeto ritual um meio de vida.

Os criadores dos trajes

Os trajes dos orixás num primeiro momento têm um custo financeiro elevado. E geralmente é preciso comprar tudo de uma vez, as roupas, acessórios e ferramentas. Os trajes podem ser comprados prontos, e nesse caso são ainda mais caros; ou, como é mais comum, podem ser feitos pelo fiel ou pessoas do próprio terreiro.

Em todo terreiro há gente que sabe costurar, ainda que não profissionalmente. Recebendo remuneração, são encarregadas de fazer as roupas dos deuses sob orientação e supervisão dos pais e mães-de-santo. Para que tudo esteja do seu gosto; afinal, os orixás devem ser a expressão máxima de beleza de um terreiro.

Além de poder dispor de bons materiais, vale sempre o empenho de cada um, a criatividade e o talento de transformar o que muitas vezes pode ser um tecido simples em roupas muito bonitas. Presenciei uma saída de uma *iaô* de Oxum, cuja deusa vestia uma vistosa roupa branca e dourada que parecia estar coberta de pó de ouro. O pai-de-santo dessa casa depois me disse que depois foi muito trabalhoso limpar a casa inteira, que ficara toda brilhando com o *glitter* da roupa de Oxum.

O processo de iniciação também é o de "multiplicação do eu" social por meio da assunção dos eus sagrados que fazem sentido para o grupo religioso. Dentre esses eus sagrados o do orixá é o mais esplendoroso, e tem vida exatamente durante o transe do orixá:

"não é o pobre, é o deus; não é o que se sente culpado e recalado, mas sim o que tudo pode, o que afasta as frustrações que uma vida social, na maioria das vezes amesquinhada pela falta de dinheiro, conforto e de repertórios culturais que ele distingue como importantes, lhe impõe na vida fora da religião" (Prandi, 1991: 182, 183).

Esse é um dos trunfos dessa religião. A expansão do eu que ela promove por meio da adoção desses eus sagrados é reparadora e também constitui uma grande possibilidade de expressão individual, oportunidade para realizar desejos de brilhar e de ser o centro das atenções, de bailar e ser aclamado, enfim... de ser deus e deusa.

Procura-se manifestar essa divindade da melhor maneira possível dentro das possibilidades estéticas do próprio orixá — uma vez que a cada um compete determinadas cores e materiais —, dos limites impostos pela posição que se ocupa na hierarquia e também pelo pai ou mãe-de-santo. Além, é claro, das limitações financeiras de cada um. Mas os adeptos sempre acreditam que todo esforço, sacrifício e dedicação para vestir bem o orixá são válidos. E fazem listas para arrecadar contribuições de irmãos-de-santo e de amigos. Disse-me uma *iaô*, empregada doméstica de pouquíssimos recursos financeiros: "*Tudo foi doação. Uma colega minha, que trabalha na mesma casa que eu, me disse que coisa de orixá ela não ia me dar de jeito nenhum, porque ela é de uma igreja pentecostal, mas me deu dez quilos de arroz que tinha na minha lista de iniciação. E isso me ajudou demais*".

Vigora a percepção de que tudo o que se faz é para agradar os deuses e assim obter seus favores, e eles se agradam do que é bonito, é com beleza que se louva os orixás. A riqueza, o luxo, a opulência integram o ideal de culto no candomblé. Essa noção vem da África, onde a opulência deve ser sempre mostrada, ostentada. Soma-se a isso o barroco, estilo artístico marcado por muita ornamentação que influenciou fortemente o País no tempo de sua formação. Disso tudo resulta uma estética marcada pelo excesso, pelo "muito", pelo *over* e igualmente pela manifestação da riqueza.

"Identifico a existência de uma estética barroca no interior dos terreiros, uma idéia de belo que revela o gosto pelo aparato, pelo luxo, pelo ornamento, pelo brilho, pelo fausto. A elaboração estética de muitas festas de candomblé, tal como na arte barroca, visa igualmente maravilhar, surpreender. A adoção desse estilo barroco faz com que o belo muitas vezes seja identificado com o extravagante. Essa estética reflete-se entre outros aspectos na idealização e confecção de roupas rituais" (Santos, 2005: 76).

Essa mesma concepção perpassa a criação estética do carnaval. Aliás carnaval e candomblé se aproximam e se influenciam no que diz respeito à expressão estética.

"É visível o diálogo entre os terreiros de candomblé e o universo das escolas de samba, diálogo que se reflete na idealização e confecção das roupas rituais, destacando-se o uso crescente de plumas, lantejoulas, areia brilhante, canutilhos e paetês. Esse diálogo não se circunscreve ao traje de baiana já há muito tempo incorporado à estética carnavalesca. Falo aqui de um padrão estético das escolas de samba, que valoriza o brilho e o aparato; abusa do contraste das cores e estimula o exagero das formas" (id.: 76).

Essa dupla influência acontece também porque muitas vezes são as mesmas pessoas que produzem os adereços para o candomblé e para as escolas de samba. Essa aproximação é visível especialmente quando os trajes dos orixás são feitos com muitas pedrarias e contas bordadas, segundo um padrão estético de escola de samba, muito marcado pelo brilho, pelo contraste de cores e o exagero das formas.

"Notadamente no Rio de Janeiro e em São Paulo, onde os profissionais que ditam a moda no candomblé são, em geral, os mesmos produtores estéticos das escolas de samba, não é difícil perceber como o desfile de carnaval antecipa as preferências em desenho e material que vestirão e adornarão os orixás em transe nos barracões de candomblé daquele ano" (Prandi, 2005: 152).

A preocupação com a chamada "carnavalização" do candomblé é recorrente entre muitos pais e mães-de-santo. É comum dizerem uns das casas dos outros que "mais parece um carnaval", uma acusação que remete à perda ou afastamento da tradição, numa excessiva valorização dos elementos estéticos em detrimento do sentido religioso do culto (cf. Santos, 2005: 77). Algo que, portanto, não seria bem visto. Mas é fato que se pode observar por toda parte. Assim, quando um velho pai ou mãe fala do passado, vai logo dizendo que *"no meu tempo não era assim; orixá era vestido com madrasto, não tinha isso de usar lantejoula e paetê, muito menos pluma. Era mesmo com as penas do rabo de galo que se enfeitava o capacete de Ogum. E ficava odara demais. Agora todo mundo quer comprar na ladeira Porto Geral..."*

Muitos têm em vista que o excesso e mesmo o uso de determinados materiais pode fazer com que a estética se aproxime perigosamente do carnavalesco, o que às vezes acaba sendo inevitável, uma vez que candomblé e carnaval bebem numa mesma fonte estética.

Os adeptos e criadores, no entanto, procuram se defender dessa "acusação", reafirmando sempre a sacralidade dos trajes dos orixás. Afinal como ouvi na pesquisa, "*carnaval é carnaval, candomblé é outra coisa*".

"Então eu acho que o capricho e a delicadeza das formas... é muito importante. Você não perde a raiz, não perde a estrutura, não perde a essência do orixá, mas você cria uma nova forma de ver o orixá aproveitando os novos materiais que nós temos. Sem cair no carnavalesco.

Porque você veja, a roupa do orixá, por mais bonita, por mais rica que ela seja e por mais adereços que ela tenha, ela não é uma fantasia de carnaval. Porque a fantasia de carnaval, mesmo riquíssima, ela tem a estrutura para o carnaval.

Mesmo que saia uma pessoa vestida no carnaval expressando um orixá ela sempre tem um... ar de carnaval, um ar de brincadeira, mesmo que a fantasia seja riquíssima. Então, às vezes as pessoas falam: ah... mas a roupa fica meio carnavalesca se tiver muita coisa. Eu acho que não tem uma coisa a ver com a outra. Eu acho que o que é feito pro orixá não tem lado carnavalesco. É outro sentido..." (Carlito de Oxumarê).

No candomblé, como no carnaval, bonito é o que é abundante em detalhes, enfeites e brilho, ou seja, tudo que promove a "exuberância barroca de sua estética" (Santos: 2005: 14). Seja esse brilho ouro, prata, latão, cobre ou mesmo lantejola, *strass* ou *glitter*.

"Acho que a riqueza... fazer a roupa do orixá com riqueza, não significa que você perdeu a humildade. Que você perdeu a simplicidade, que você perdeu a devoção. Porque às vezes as pessoas falam: não, mas você... coloca roupas tão luxuosas... o santo é a natureza... Eu concordo que o santo é a natureza, mas quando essa partícula da natureza vem à Terra, se manifesta no corpo de alguém, você quer agradar. Eu acho que a forma da gente agradar é essa: criando... as roupas bonitas, criando adereços bonitos, eu acho que isso é o mais importante" (Carlito de Oxumarê).

A opulência praticada nos terreiros chama a atenção, e causa a impressão de que o candomblé é uma religião muito rica e, portanto, para poucos, ou, como já ouvi, religião de "pessoas esnobes". Essa é uma "religião de deuses ricos e adeptos pobres" (Prandi, 1991, Amaral, 1992; 2002) o que constitui uma contradição forte e evidente mas talvez se explique em si mesma, vale todo o sacrifício para que o deus seja rico, esplendoroso, exatamente porque ele manifesta o oposto da vida difícil do adepto e também porque fazer um enorme esforço para vestir bem o deus manifesta a própria fé no orixá.

Durante a pesquisa ouvi histórias de pessoas que efetivamente tinham uma vida muito simples, mas profundo orgulho da riqueza de suas roupas de candomblé e de seus orixás. Visitei a casa de uma filha-de-santo que me mostrou orgulhosa mais da metade de seu humilde guarda-roupas ocupado pelos trajes do candomblé, enquanto suas roupas "civis" encontravam-se todas espremidas numa única parte do armário.

Uma coisa comum no candomblé é o chamado "baú do santo". As pessoas guardam suas roupas e a de seus orixás em baús que são conservados em suas casas ou nos terreiros. Uma vez, durante pesquisa num terreiro muito antigo na Bahia, fui recebida na casa de uma

filha daquela casa que ficava no próprio terreiro; tratava-se de um espaço muito pequeno e humilde mas lá estava, ocupando boa parte do espaço exíguo, o baú com as coisas do orixá dela, que ela fez questão de nos mostrar e de me alertar o tempo todo: "*Venha mais pra cá, minha filha, não fique muito perto do baú de Euá não...*"

A seguir uma fala do babalorixá Carlito de Oxumarê, que com sua mãe carnal, ialorixá Carmen de Oxum, dirige um dos mais belos terreiros da grande São Paulo:

"Eu acho que na verdade o que a gente faz é agradar o orixá. Aí vem aquele outro lado também de a pessoa falar assim: ah, mas santo é humildade, simplicidade... eu até concordo que seja simplicidade e humildade... do filho, e não do deus. O deus ele deve ser exaltado. É um deus. Então você faz pra exaltar o deus. Se eu pudesse vestir meus orixás todo em ouro e brilhantes eu faria".

Eufrazia Santos (2005) afirma que o luxo do candomblé, a opulência também está ligada ao fato dessa riqueza estar associada no imaginário do povo-de-santo ao tema da realeza, que é comum a muitos orixás.

"Muitas vezes o luxo das cerimônias reflete uma leitura muito comum ao povo de santo que associa o espetáculo do fausto ao tema da realeza, uma vez que o panteão yorubá é composto por reis e rainhas. *Não existe, portanto, uma condenação moral do luxo, ele é um meio entre outros para fazer declarações rituais*" (2005: 58, grifo meu).

Ou seja, não há condenação moral do luxo porque aqui os valores desse mundo são afirmados e também, em última instância, porque tudo é feito "para exaltar o deus", é uma declaração de fé e amor.

Um outro dado importante é que às vezes as pessoas envolvidas na criação dos trajés dos orixás têm experiências também com a criação dos vestidos de gala, sobretudo vestidos de noiva, e vestir o orixá partilha com o vestir a noiva a idéia de que esse é um momento de glória. A roupa é a expressão material de um momento importantíssima na vida: uma noiva não se faz sem seu vestido, o orixá não se faz sem o seu belo *axó*. Disse um sacerdote que "*o orixá gosta de ser visto; se não ele não vinha na festa... ele só vinha no dia dos rituais, dançava dentro do quarto e pronto*".

As zeladoras dos axós

Dentre os cargos de pessoas que não entram em transe há um cargo feminino muito importante e que diz respeito diretamente ao cuidado com os orixás: *equede*. Na língua iorubá, *equede* quer dizer "a segunda pessoa do orixá", são mulheres escolhidas para servirem aos orixás da casa.

As *equedes* são confirmadas em seus cargos por meio de um rito que também é de iniciação, porém mais simplificado que o rito de iniciação de quem entra em transe. Em geral

as *equedes*, assim como os *ogãs*, ficam menos tempo recolhidas para a iniciação, e não necessariamente têm o cabelo todo raspado. A *equede* e o *ogã*, assim que confirmados em seus cargos, passam a integrar a alta hierarquia do terreiro. Tocar os atabaques, sacrificar os animais, fazer os despachos, que são atribuições masculinas, cuidar das roupas e ferramentas dos orixás, que são atribuições femininas, são tarefas decisivas e indispensáveis aos ritos.

A função básica de uma *equede* é vestir os orixás, dançar com eles, cuidar deles, zelar por suas roupas e acessórios. Elas lustram com afinco as ferramentas, lavam, engomam e passam as roupas. São especialistas na arte dos laços e dos nós; suas principais virtudes são: ordem, capricho e paciência.

Passar roupa é uma atribuição feminina no candomblé, tarefa interminável executada em grande parte pelas *equedes* que fazem isso, pelo menos teoricamente, melhor do que todos. É comum antes de uma festa as *equedes* se reunirem para dividir as muitas tarefas envolvidas em preparar os trajes dos orixás. Para que tudo esteja pronto e o mais organizado possível na hora os vestir para que entrem em cena.

Vestir o orixá é algo muito maior e profundo do que o vestir cotidiano; é um ato religioso. Significa, nas palavras de Eufrazia Santos, "dar-lhe uma forma, uma identidade, ligá-lo a uma cor, a um conjunto de insígnias" (Santos, 2005:40). E tudo isso é responsabilidade das *equedes*. Nos bastidores, o vestir é um momento importante e tenso para elas, porque em última instância são elas as responsáveis pela boa apresentação do orixá em público, pela beleza e harmonia do traje, que deve permanecer no lugar, em ordem, sem nada caindo, desamarrando. Um saio que teime em aparecer durante a dança é uma vergonha para a *equede*. E não se pode esquecer que os orixás dançam, e muitas vezes executam danças muito agitadas, que põem qualquer roupa em risco.

Parte importante do treinamento de uma *equede* é exatamente aprender a vestir o orixá, saber que peças compõem o traje de cada um, como essa roupa é montada, o que se veste primeiro, o que se veste depois, como dar os muitos nós e laços e todos os outros artifícios que se usa para conseguir um belo efeito nas roupas em termos de laços bem abertos, panos-da-costa bem armados e ao mesmo tempo bem presos. Deve aprender, sobretudo, que todo o belo efeito alcançado no vestiário tem que resistir aos movimentos bruscos das danças sob os olhares atentos e críticos dos que lotam o barracão.

O maior pesadelo de uma *equede* é que a roupa do orixá caia, desamarre, despenque, ou simplesmente não fique bonita para a festa. Vestir o orixá é uma tarefa difícil também porque em geral as os trajes têm muitas peças, muitos detalhes, há a preocupação constante que as roupas fiquem bem presas e para isso freqüentemente lança-se mão do uso de alfinetes

e de pontos com linha e agulha. Tudo deve ser feito sem ferir o filho-de-santo, para que depois que o orixá o deixe ele não esteja machucado.

Além desse "trabalho dos bastidores", cabe às *equedes* dançar com os orixás, secar-lhes a frente, servir-lhes água... enfim, permanecer sempre junto deles e estar muito atentas às necessidades dos orixás durante a apresentação. A equede se preocupa também com o que ocorre depois que os orixás são recolhidos aos *roncós*, porque uma atribuição muito importante da *equede* é justamente a de mandar o orixá de volta para o *Orum* e trazer o filho-de-santo à consciência.

Elas são sacerdotisas do culto presentes em todos os ritos importantes, até porque nunca se sabe quando um orixá pode aparecer e elas são as principais auxiliares deles; são preferencialmente elas que ouvem o que eventualmente eles têm a dizer e ficam encarregadas de transmitirem adiante seus desígnios e mensagens.

Em momentos de ritos internos como também na festa pública, as *equedes* sempre portam seus *adjás*, as sinetas rituais. Na festa pública o som do *adjá* tem a função de guiar, de conduzir o orixá durante a dança. O som do *adjá*, segundo ouvi de um pai-de-santo, é "*a música que fala aos deuses, para que eles nos ouçam e atendam nossos pedidos*". Tocar *adjá* é algo muito importante que só deve ser feito pelas *equedes*, ou pessoas da alta hierarquia do terreiro. Na obrigação de sete anos um fiel que entre em transe receberá também um *adjá* e o tocará em público como mais um sinal de sua maioridade ritual.

Há uma disputa de poder inerente ao trabalho das *equedes*, principalmente no que diz respeito aos orixás do pai ou mãe-de-santo, dos quais sempre se quer estar perto, seja cuidando das roupas e ferramentas, seja dançando com eles na festa, ou mesmo atendendo seus desejos e transmitindo suas mensagens ao grupo.

Em terreiros grandes e organizados, há muitas *equedes* confirmadas. A regra é que cada orixá tenha a sua *equede*, mas nem sempre isso é possível. Em geral os orixás dos babás e ialorixás têm mais de uma *equede* e a ordem de importância dessas obedece ao princípio do tempo de iniciação: aquelas que são confirmadas por último dificilmente têm acesso aos orixás dos sumos sacerdotes, porque quem ocupa o espaço é quem chegou primeiro. Isso é motivo de rusgas e de muito ciúme entre as *equedes*. O ciúme, a disputa e o falatório são, aliás, coisas que permeiam cotidianamente as relações no candomblé (cf. Vallado, 2003), independentemente de cargo, função ou antigüidade. Mas entre as *equedes* também vale a idéia de que "antigüidade é posto", e as mais velhas no santo são ou devem ser as mais respeitadas.

A despeito de ocuparem esse papel relevante, as *equedes* usam roupas mais simples, o que não quer dizer que não sejam ricas e muito elaboradas. Não costumam usar o traje de baiana, até mesmo pela questão prática de que seria difícil vestir os orixás nos quartos apertados usando roupa armada que ocupa espaço e dificulta os movimentos. Elas costumam usar cafetãs, saias retas e batas ou mesmo roupas parecidas com vestidos retos, tudo muito simples se comparado ao traje de baiana.

São de um lado os criadores, que fazem os axós e seus complementos, e de outro as *equedes*, que cuidam dos trajes e os "montam" no corpo dos iniciados em transe, as duas pontas do processo de trazer para o palco do barracão os deuses que encantam os homens com sua beleza.

Bibliografia

- ABRAHAM, R.C. 1962. *Dictionary of Modern Yoruba*. London, Hodder and Stoughton Educational.
- AMARAL, Rita de Cássia. 1992. *Povo-de-santo, povo-de-festa: o estilo de vida dos adeptos do candomblé paulista*. São Paulo, FFLCH/USP. Dissertação de Mestrado em Antropologia (mimeo).
- _____. 2002. *Xirê! O modo de crer e de viver no candomblé*. Rio de Janeiro, Pallas.
- BARBÀRA, Rosamaria Susanna. 2001. *A dança das aiabás: dança, corpo e cotidiano das mulheres de candomblé*. São Paulo, FFLCH/USP. Tese de Doutorado em Sociologia (mimeo).
- BIRMAN, Patrícia. 1995. *Fazer estilo criando gêneros*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.
- ESCOREL, Sílvia. 2000. *Vestir poder e poder vestir. O tecido social e a trama cultural nas imagens do traje negro (Rio de Janeiro – século XVIII)*. Dissertação de Mestrado em História Social (mimeo). Rio de Janeiro, IFCS/UF RJ.
- LARA, Sílvia Hunold. 2000. "Sedas, Panos e Balangandãs: o traje de senhoras e escravas nas cidades do Rio de Janeiro e de Salvador (Século XVIII)". In: SILVA, Maria Beatriz Nizza. *Brasil colonização e escravidão*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- LIPOVETSKY, Gilles. 1989. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo, Companhia das Letras.
- LODY, Raul. 1977. *Pano-da-costa*. Rio de Janeiro, CDFB.
- _____. 1995. *Bordados de mel: arte e técnica do Richelieu*. Rio de Janeiro, Funarte.
- _____. 2003. *Dicionário de arte sacra e técnicas afro-brasileiras*. Rio de Janeiro, Pallas.
- _____. 2003a. *A roupa de baiana*. Salvador, Memorial das Baianas.
- MONTES, Maria Lúcia. 1998. "Entre o arcaico e o pós-moderno: heranças barrocas e a cultura da festa na construção da identidade brasileira". In: *Sexta-feira*. Vol.2, São Paulo, Editora 34.
- PRANDI, Reginaldo. 1991. *Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova*. São Paulo, Hucitec.
- _____. 2005. *Segredos guardados: orixás na alma brasileira*. São Paulo, Companhia das Letras.
- SANTOS, Eufrazia Cristina Menezes. 2005. *Religião e espetáculo (análise da dimensão espetacular das festas públicas do candomblé)*. São Paulo, FFLCH/USP. Tese de Doutorado em Antropologia (mimeo).
- SOUZA, Gilda de Mello e. 1987. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo, Companhia das Letras.
- VALLADO, Armando. 2003. *Lei do santo: poder e conflito no candomblé*. Tese de Doutorado em Sociologia (mimeo). São Paulo, FFLCH/USP.